

1 A SUSTENTABILIDADE É A CAUSA; A INTERDISCIPLINARIDADE, O CAMINHO¹

*Arnoldo J. de Hoyos Guevara²
Ivani Catarina Arantes Fazenda³*

O Brasil é reconhecido internacionalmente por seu contexto natural e por sua relevância histórica, como bem mostrou a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (RIO+20). Contudo, o país ainda enfrenta o enorme desafio de saber administrar e cuidar de suas extraordinárias riquezas e belezas em termos de recursos naturais, em meio a deficiências estruturais e sérios desequilíbrios em relação a questões econômicas, de desenvolvimento educacional e sociocultural e, em particular, em relação ao tema educação e meio ambiente.

No mundo da biocivilização, o Brasil representa uma referência em termos de extrema riqueza, devido a seu potencial hídrico, de biodiversidade e de recursos naturais em geral, base da economia verde. Conta também com uma enorme riqueza em termos de diversidade e miscigenação étnico-cultural, demonstrando um importante potencial em relação à economia criativa e à implementação de inovadores modelos de tecnologia social.

No entanto, o país também se caracteriza por enormes deficiências e desigualdades, que se manifestam e persistem em termos educacionais, socioeconômicos e culturais, o que dificulta enormemente a inserção de uma grande massa da população na atual era pós-industrial da economia do conhecimento. Isso acaba criando barreiras em relação às iniciativas para um desenvolvimento verdadeiramente sustentável.

ONDE ESTAMOS?

O atual momento civilizatório caracteriza-se por aceleradas transformações, principalmente relacionadas aos avanços nas ciências e na tecnologia, bem como pelas disfuncionalidades resultantes da defasagem entre essas transformações e as transformações socioculturais e institucionais, mais lentas. É preciso, então, procurar caminhos para superar tais desafios, que repercutem cada vez mais em termos de impactos sociais e no meio ambiente, como

¹ Publicado pela revista Pátio-EM16 em 23/03/13.

² Arnoldo J. de Hoyos Guevara é professor da pós-graduação em Administração da PUCSP, fundador e diretor do Núcleo de Estudos do Futuro da PUCSP e da ONG educacional Gira Sonhos. E-mail: dehoyos@pucsp.br

³ Ivani Catarina Arantes Fazenda: Líder do GEPI e Editora Científica da Revista Interdisciplinaridade. CV: <http://lattes.cnpq.br/9538159500171350>; E-mail: jfazenda@uol.com.br

resultado da própria dinâmica e complexidade resultante da globalização, tal como tem sido evidenciado na atual crise, que não é só econômica, social e ambiental, mas sobretudo de valores.

Paralelamente a essa realidade, têm surgido novos paradigmas de ensino e aprendizagem, além de alternativas relacionadas às tecnologias de informação e comunicação (TICs), que facilitam a possibilidade de integrar saberes e experiências em uma abordagem interdisciplinar, acelerando o desenvolvimento da sociedade do conhecimento, a cibercultura e a necessária transição para uma sociedade da consciência. Assim, é possível tornar o conhecimento mais acessível, o processo de aprendizagem mais rápido, flexível, aberto e participativo, promovendo não só a inteligência coletiva, o “cérebro global”, mas também um “coração global”.

Como sinais prévios dessas tendências, é bom lembrar a proposta do final da década de 1990, quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) indicou os quatro pilares da educação para o século XXI, sobre os quais o próprio organizador, Jaques Delors, manifestou-se da seguinte forma: “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele, (...) aliás, para ele. (...) Em cada ser humano existe um tesouro a descobrir e, portanto, é fundamental prover oportunidades de uma educação de qualidade para todos; e essa educação deveria se estender para toda a vida” (DELORS, 2012). Sem dúvida, isso se reforça com a visão de Amartya Sen sobre o desenvolvimento como liberdade: “Ver o desenvolvimento em termos da expansão das liberdades substantivas dirige a atenção para os fins que tornam o desenvolvimento importante, antes que meramente para os meios, que, inter alia, cumprem parte proeminente no processo” (SEN, 2010).

De fato, se analisarmos os quatro pilares – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser –, veremos que até o mundo corporativo atual, que lida com a gestão de competências, assimilou essas mesmas categorias, agora classificadas como conhecimento (primeiro pilar), habilidades (segundo) e atitudes (terceiro e quarto).

PARA ONDE VAMOS?

A questão é a seguinte: como promover uma educação para a era da sustentabilidade em um país como o Brasil, que continua sendo classificado entre os piores em nível educacional, a qual promova os quatro pilares da Unesco com a necessária integração de saberes para um mundo cada vez mais complexo e dinâmico? E mais: como fazer isso em um contexto de grandes deficiências do sistema atual em relação às cinco liberdades (pilares) instrumentais: políticas, econômicas, sociais, de segurança e de transparência? No Brasil, de maneira simplificada, tem-se falado na necessidade de dar o

peixe (filantropia), ensinar a pescar (responsabilidade social) e ensinar a cuidar do rio (sustentabilidade).

O processo de inclusão social, observado recentemente através do aumento da classe C, que hoje já representa mais de 50% da população, e o correspondente aumento na renda mensal disponível, bem como a lenta, mas gradual, melhoria do coeficiente de Gini (índice de desigualdade) são sinais desse processo. A democracia parece estar fortalecendo-se, e os níveis de transparência melhorando rapidamente, como se tem observado.

A boa nova é que, como aconteceu em outros países tempos atrás, o país finalmente decidiu ampliar os gastos em educação, garantindo para esse segmento 10% do produto interno bruto (PIB), de acordo com as novas Diretrizes Curriculares Nacionais do MEC. Apesar disso, ainda é preciso superar deficiências estruturais em termos de gestão escolar, formação e valorização dos professores, inovação e participação comunitária.

Sem dúvida, as propostas do MEC relacionadas a uma educação mais contextualizada, voltada para o ensino integral e o ensino técnico, aproximam-se mais de um programa de educação para a vida. Para Edgar Morin: “O papel da escola passa pela porta do conhecimento. É ajudar o ser que está em formação a viver, a encarar a vida. Eu acho que o papel da escola é nos ensinar quem somos nós; nos situar como seres humanos; nos situar na condição humana diante do mundo, diante da vida; nos situar na sociedade; é fazer conhecermos a nós mesmos”. Então, como implementar essas novas propostas e que modelos podem ser adaptados ao contexto local?

QUAL É O CAMINHO?

Torna-se imprescindível reconhecer o momento atual como uma oportunidade única para abrir novas fronteiras, que representem um passo em direção à evolução consciente da humanidade, evolução naturalmente associada não só às condições de vida, mas também a uma evolução no sistema de valores – do egocentrismo ao etnocentrismo e dele ao ecocentrismo. É por isso que hoje, para fortalecer nossa resiliência e até por razões de sobrevivência da espécie, urge estabelecer a causa da sustentabilidade, que deve ser tanto efetiva quanto afetiva, tanto material quanto espiritual, sendo necessário religar seres e saberes. Para essa finalidade, a proposta de Morin consiste em sete saberes para a educação do futuro (as cegueiras do conhecimento): o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; a ética do gênero humano.

Portanto, para trabalhar com a complexidade dinâmica dos ecossistemas no atual mundo globalizado e hiperconectado, é necessário primeiro recorrer a uma visão e a uma metodologia interdisciplinares, que promovam as interconexões e complementaridades entre as várias formas de ver, interpretar

e agir no mundo, aproveitando ainda possíveis convergências epistemológicas e metodológicas por meio da pesquisa e da prática interdisciplinar.

O MEC, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio, enfatiza a perspectiva da interdisciplinaridade e a contextualização para o tratamento dos conhecimentos a serem trabalhados nesse segmento. Como então proceder? Trata-se basicamente de mobilizar e capacitar tanto o corpo discente quanto o corpo docente, o que deve acontecer de forma simultânea, dado que o próprio processo de aprendizagem real é um processo vivo.

Para mobilizar, é necessário primeiro sensibilizar para depois conscientizar. Mas como sensibilizar? Por ser a sustentabilidade a própria causa, e ela se manifestar diretamente através da própria vida e das experiências diárias, é simples procurar o que está acontecendo com a própria natureza, da qual somos parte, e como ela nos toca e impacta no que se manifesta para nós no dia a dia. Ainda mais com os recursos da era digital, que nos reconecta globalmente e em tempo real. A chave é ver o que nos toca e o que nos aparece por sincronia, com o qual estabelecemos uma empatia.

Esse é nosso tema, nossa melodia, com a qual iremos contribuir através da inspiração criativa, de forma individual e/ou coletiva. À medida que entramos em sintonia com o tema, as sincronias e as sinergias manifestam-se, polinizando o processo de inovação e criação harmônica, como uma dança da qual outros podem participar.

REFERÊNCIAS

BROWN, L. **Plano B 4.0: mobilização para salvar a civilização**. São Paulo: New Content, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra; 1999.

D'AMBROSIO, U. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2012.

FAZENDA, I.C.A. (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998.

GUEVARA, A.J.H. (org.). **Educação para a era da sustentabilidade**. São Paulo: St. Paul, 2011.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SAIBA MAIS

DELORS, J. **A educação para o século XXI: questões e perspectivas.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

RUSCHEINSKY, A. **Educação ambiental: abordagens múltiplas.** 2.ed. Porto Alegre: Penso, 2012.